**VISITA DE ESTUDO – 27 ou 28 de abril**

**ROTEIRO 2 - Professor**

**Entrar na estação do Castêlo da Maia e sair na estação da Trindade.**

**Partida do metro: 08:21 Chegada à Trindade: 9:10**

**Descer até à Praça Humberto Delgado**

**1 – Praça Humberto Delgado**

Observar a estátua de Almeida Garrett, em frente à Câmara Municipal.

**Descer Avenida dos Aliados até à Praça da Liberdade**

**2 - Praça da Liberdade**

É a alma e o coração do Porto. Nesta praça e na avenida dos Aliados, espécie de sala de visitas da cidade, os portuenses festejam as suas grandes vitórias.

Observar a Estátua de D. Pedro IV

É uma estátua equestre da autoria do escultor Célestin Anatole Calmels, inaugurada em 19 de outubro de 1866. D. Pedro IV, que foi também imperador do Brasil) surge-nos representado a cavalo e, enquanto segura as rédeas do cavalo com a mão esquerda, oferece a Carta Constitucional à cidade, com a direita. No pedestal são representadas duas cenas da vida do homenageado, em dois baixos relevos. Um deles representa o desembarque na praia do Mindelo (durante as lutas liberais), onde se vê D. Pedro IV a entregar a bandeira a Tomás de Melo Breyner; o segundo mostra a entrega do coração de D. Pedro ao Porto. O coração encontra-se na Igreja da Lapa.

**Nota- a pata “direita” do cavalo é a esquerda, visto que a direita está “torta”.**

**Descer até à Praça de Almeida Garrett (frente à estação de S. Bento)**

**3 - Praça Almeida Garrett**

Visitar o átrio da Estação de S. Bento

Foi edificada no princípio do séc. XX, com cobertura de vidro e ferro fundido, da autoria do arquiteto Marques da Silva. O átrio está revestido com vinte mil azulejos historiados, do pintor Jorge Colaço, que ilustram a evolução dos transportes e cenas da história e vida portuguesas.

Até finais do século XIX, existia neste lugar um convento de monjas beneditinas, o mosteiro de S. Bento da Ave Maria, demolido para que aqui se construísse a estação de caminho de ferro, que foi buscar o nome ao referido convento. Este foi uma das mais importantes casas conventuais femininas do Porto. Mas o que lhe deu maior celebridade foram os “abadessados”, ou “outeiros”, uma espécie de torneios poéticos que costumavam durar três dias e três noites, durante os quais os poetas glosavam motes lançados pelas monjas, através das grades do convento, oferecendo elas aos participantes, em troca, a rica doçaria conventual e outros manjares, acompanhados de vinho fino. Realizavam-se, invariavelmente, por alturas da eleição de uma nova abadessa e contavam, sempre, com a participação dos mais famosos poetas desse tempo.

O cenário era o amplo pátio do convento. As freiras, detrás das grades das suas celas, atiravam um mote que o poeta glosava, entre sorrisos, cálices de vinho do Porto e deliciosos doces conventuais oferecidos pelas monjas.

Foi num desses “abadessados” que Camilo Castelo Branco conheceu a freira D. Isabel Cândida Vaz Mourão, também poetisa, com quem manteve uma prolongada relação amorosa e a quem confiou a guarda e educação de uma filha fruto da relação amorosa que manteve com a prima Patrícia Emília.

**Virar à direita até à rua das Flores**

**4 –Rua das Flores**

Esta rua foi aberta entre [1521](https://pt.wikipedia.org/wiki/1521) e [1525](https://pt.wikipedia.org/wiki/1525), no final do reinado de [D. Manuel](https://pt.wikipedia.org/wiki/D._Manuel) I, em terrenos ocupados pelas hortas do bispo, que se caracterizavam pelas suas muitas flores. Foi denominada Rua de Santa Catarina das Flores.

Um original projeto de arte urbana lançado em 2014 permitiu a vários artistas decorarem as caixas de eletricidade ao longo desta rua.

Observar a fachada da Igreja da Misericórdia (à direita)

Foi construída inicialmente em [1559](https://pt.wikipedia.org/wiki/1559) em estilo renascentista com reminiscências góticas. Desta igreja só se aproveitou a capela-mor, em virtude de um relâmpago que terá destruído a fachada em abril de [1621](https://pt.wikipedia.org/wiki/1621).

Em [1628](https://pt.wikipedia.org/wiki/1628), foi revestida interiormente de [azulejos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Azulejos) feitos em Lisboa, poucos dos quais chegaram até à atualidade.

A igreja ficou posteriormente desprezada e durante imenso tempo ameaçou ruína. Só durante o [século XVIII](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XVIII) é que as atenções se viraram para a sua reconstrução, tendo-se consultado vários peritos, entre os quais Nasoni, para darem o seu parecer sobre o estado de segurança da igreja. Mas a igreja só foi reedificada por [Nasoni](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nasoni) em [1748](https://pt.wikipedia.org/wiki/1748), em estilo [barroco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco) com formas de [rococó](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rococ%C3%B3), na sequência da queda da abóbada da igreja.

Em 2015 passou a poder ser visitada, fazendo parte do [Museu da Misericórdia do Porto](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_da_Miseric%C3%B3rdia_do_Porto). Pode-se visitar o [Coro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coro_%28arquitetura%29), Nave Central e dependências laterais ([sacristia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sacristia) e outras).

- n.º 28 - Alfarrabista Chaminé da Mota (o Sr. Pedro Chaminé da Mota faleceu em 2018 com 88 anos). *Alfarrabista* é uma palavra de origem árabe, que  vem  do nome do filósofo muçulmano al-Fârâbî que possuía e lia muitos livros. É portanto o nome dado a quem coleciona, compra e vende livros e demais publicações usadas, em segunda mão. Calcula-se que nos vários pisos do seu atual edifício – cada um com uns longuíssimos 36 metros e meio, – a Livraria Chaminé da Mota conserve hoje cerca de um milhão de livros e outras publicações.

**5 - Passar pelo Largo de S. Domingos e subir Rua de Belomonte, Rua das Taipas e, na bifurcação, tomar a esquerda para Rua das Virtudes**

**6 - Virar para rua do Doutor Barbosa de Castro**

Observar Casa onde nasceu Almeida Garrett (n.º 39)

Trata-se de uma casa construída na segunda metade do século XVIII, durante a reforma urbanística dos Almadas, com uma lápide neoclássica que diz: “Casa onde nasceu aos 4 de fevereiro de 1799 João Baptista da Silva Leitão Almeida Garrett”, ali mandada colocar pela Câmara Municipal em 1864.

**Subir até ao Campo dos Mártires da Pátria**

**7 - Campo dos Mártires da Pátria**

- O Campo dos Mártires da Pátria, antigo Largo do Olival, no Porto, mudou de nome em homenagem aos doze "Mártires da Liberdade" que foram enforcados por ordem dos tribunais miguelistas em 1829, e entre os quais se destaca António Bernardo de Brito e Cunha (1781-1829).

Passear no Jardim de João Chagas(Jardim da Cordoaria)

É conhecido pelo nome de Jardim da Cordoaria (na Idade Média a atividade dos cordoeiros era neste local**)**. Foi fundado pelo Visconde de Vilar d'Allen em 1865 e tinha todas as caraterísticas de um típico jardim romântico, com recantos, caminhos estreitos e um lago. Ainda se mantém o coreto que era a sua “sala de espetáculos”. Ao sábado ou domingo, para lá se dirigiam as bandas que atuavam para uma multidão que não arredava pé enquanto durava o espetáculo. Em 2001, quando o Porto foi capital europeia da cultura, esse jardim romântico foi totalmente remodelado, ficando tal como se encontra atualmente. Nele se encontravam várias estátuas, a mais recente das quais, de 2001, se intitula-se "Treze a rir uns dos outros”, e é a autoria de Juan Muñoz (esta viria a ser a última obra deste escultor que, falecido em agosto de 2001, já não assistiu à inauguração da sua escultura).

Observar o Largo do Amor de Perdição (frente à antiga Cadeia da Relação)

Assim denominado desde 2012, quando aí se inaugurou a estátua “Amor de Perdição”: Camilo Castelo Branco, abraçado a uma mulher (que simbolizará as mulheres que Camilo amou e também a sua obra, mas que por estar ali, tão perto da Cadeia da Relação, muitos associam à figura de Ana Plácido). É que os dois amantes estiveram encarcerados precisamente naquele edifício, enquanto aguardavam o julgamento que acabaria por os absolver. Ela, casada, foi acusada de adultério, ele de “copular com mulher casada”. Há uma certa ironia no facto de o largo em frente ao cárcere dos dois amantes ter agora o nome da obra mais famosa do escritor. Contudo, esta estátua não colhe unanimidade nas apreciações dos portuenses.

Visitar a cela de Camilo no Centro Português de Fotografia (Antiga Cadeia da Relação)

A “Cadeia da Relação” começou a ser construída em 1767, sensivelmente no mesmo lugar onde, no início do século XVII, se haviam erguido as primeiras instalações para a Relação e Casa do Porto. A sua construção durou quase trinta anos e custou 200 contos de réis.

As áreas de detenção distribuíam-se da seguinte forma:

- no primeiro piso, ao nível do rés-do-chão, situavam-se as enxovias - de Stª Teresa, de Stº António, de S. Victor, de Stª Rita, do Sr. de Matosinhos e de Stª Ana - lajeadas originalmente de granito, escuras, húmidas e frigidíssimas, com acesso apenas por alçapões situados no andar superior;

- no segundo piso, situavam-se os salões de N. Srª do Carmo e de S. José e a saleta das mulheres, também espaços coletivos mas mais salubres;

- no último piso ficavam os quartos de Malta, - concebidos como prisões individuais para “pessoas de condição” e que se encerravam apenas durante a noite, - bem como as enfermarias.

As condições eram tão más que o rei D. Pedro V, em visita às instalações em 1860, terá comentado: “isto precisa de ser tudo arrasado”.

Foi no último piso, na cela S. João, que esteve preso Camilo Castelo Branco, redigindo aí, em apenas 15 dias, o “Amor de Perdição”. Também aí esteve preso José do Telhado, famoso chefe de uma quadrilha de ladrões da região de Penafiel, que se dizia que “roubava aos ricos para dar aos pobres”. Consta que este lhe concedia proteção contra os perigos da cadeia, e que aquele lhe deu proteção jurídica. Ana Plácido esteve igualmente presa e esteve instalada num corredor por não haver celas para senhoras da sociedade.

Em Abril de 1974, alguns dias depois da Revolução do 25 de abril, o edifício foi desativado por razões de segurança, sendo os presos transferidos para o Estabelecimento Prisional em Custóias, ainda em construção.

**Virar à direita em direção à igreja dos Clérigos**

**8 - Igreja dos Clérigos** - Visitar a igreja (para subir à torre é necessário comprar bilhete)

É um edifício barroco projetado pelo arquiteto Nicolau Nasoni, construída na primeira metade do século XVIII, entre 1732 e 1749.

A primeira pedra da igreja foi lançada no dia 23 de junho de 1732, justamente na presença do arquiteto Nicolau Nasoni, tocando todos os sinos dos diferentes templos da cidade ao mesmo tempo para comemorar esse facto. As obras começaram a seguir a bom ritmo, mas ao fim de algum tempo ficaram totalmente paradas. A razão deveu-se provavelmente a várias intrigas movidas pelo pároco da Igreja de Santo Ildefonso, preocupado com a concorrência que o novo templo vinha estabelecer.

Na cabeceira da igreja, voltada para o jardim da Cordoaria encontra-se a maior Torre de Portugal, com 75m de altura, também em estilo barroco, erguida entre 1748 e 1763. Construída em granito lavrado e dividida por andares, é servida por uma escadaria de 240 degraus finalizando num belíssimo campanário de onde se pode observar o Porto e arredores.

Nicolau Nasoni: arquitecto italiano cujo nome está indissoluvelmente ligado à cidade do Porto e ao norte do país, responsável pelo projecto de várias obras em estilo barroco e rococó, as mais importantes das quais são a igreja e a torre dos Clérigos. Vem ainda jovem para o Porto, onde lhe é atribuído o projecto de obras da Sé. A partir daí, cresce o seu prestígio. Casa com uma italiana, ficando viúvo logo no ano seguinte após o nascimento do primeiro filho. Volta a casar, com uma portuguesa, de quem tem cinco filhos, e não mais deixará o Porto, onde morre aos 82 anos, sendo sepultado na igreja dos Clérigos.

Escalada da Torre dos Clérigos: Em julho de **1917, num feito extraordinariamente arriscado, inédito e literalmente histórico, dois** acrobatas galegos, pai e filho, de nomes D. José e D. Miguel Puertullano**, absolutamente arrojados, *trepam* (é a palavra), torre acima, somente com a força das suas mãos, o impulso de seus pés e a energia dos seus músculos, obstáculo após obstáculo, saliência após saliência, sem quaisquer auxílios humanos extra, sem quaisquer instrumentos auxiliares, sem uma única corda para ajuda de elevação, sem proteção contra quedas, - nem gancho, nem cinto, nem rede. Bem lá no alto, subiram ainda mais alto, ao máximo ponto; ainda deu para fazer trapézio, fazer o pino, içar e acenar a Bandeira Nacional, lançar papelinhos coloridos (publicidade a uma marca de bolachas) e até trepar pelo mastro mais elevado da bandeira; a última exibição no topo.**

**A descida foi tão ou mais exibicionista do que a subida. Bem calculados e bem distribuídos os movimentos e o local onde assentavam os pés degrau após degrau com imensa e absoluta precisão, com a mesma energia como que treparam, com a mesma segurança, porém, talvez, com uma maior ansiedade, com muito maior perigo provocado por aquela razão: a da ansiedade da chegada a chão seguro para receberem os abraços e ovações dos milhares de mirones presentes. (O filme desta escalada será mostrado nas aulas).**

 **9 - Subir Rua das Carmelitas**

Observar a Livraria Lello

O atual edifício em que se encontra instalada foi inaugurado em 1906. Distingue-se pela sua belíssima fachada Arte Nova, com apontamentos neogóticos. No seu interior destacam-se a decoração em gesso pintado imitando madeira, a escada de acesso ao piso superior - uma das primeiras construções de cimento armado da cidade do Porto -, e o grande vitral existente no teto, que ostenta o monograma e a divisa da livraria: "Decus in Labore" (dignidade no trabalho).

Uma livraria capaz de “vender” com as prateleiras vazias. Acumula distinções internacionais ano após ano, é reconhecida como a mais bela do mundo e recebe, em média, quase três mil visitas diárias, o que a torna o segundo local mais procurado pelos turistas em Portugal, só superado pelo Castelo de São Jorge, em Lisboa. Esteve em risco de fechar portas há 20 anos, mas hoje dispõe de mais de 120 mil livros e já foi distinguida como Monumento de Interesse Público.

Centenas de fans “dos quatro cantos do mundo” visitam a livraria todos os anos, não à procura de um livro, mas por causa da saga Harry Potter. J. K. Rowling, a autora da história de feiticeiros mais célebre do mundo, viveu na cidade de Gaia e era cliente da Livraria Lello. A escadaria que descreveu na escola fictícia de Hogwarts foi inspirada na que se encontra na Lello, mas ao contrário da crença de alguns fãs nenhuma cena foi filmada na livraria.

**Continuar a subir até à Praça dos Leões**

**10 - Praça Gomes Teixeira (Praça dos Leões)**

Tem o nome do primeiro reitor da Universidade do Porto, Gomes Teixeira, mas é mais conhecida por Praça dos Leões, devido à estátua que aí foi inaugurada no século XIX.

Observar a fachada da Reitoria da Universidade do Porto

É um edifício retangular, de estilo neoclássico, inicialmente destinado a Academia Real de Marinha e Comércio. O projeto inicial data de 1807 e a construção, ainda inacabada, serviu de hospital durante o cerco do Porto (1832-33).

No edifício funcionou a Academia Politécnica do Porto, onde estudaram Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis.

Atualmente está instalada neste edifício a Reitoria da Universidade do Porto, para além do Museu de Ciência, e dos Museus de Zoologia, Ciências Geológicas e Arqueologia e Pré-História do Instituto de Antropologia.

**Caminhar em direção ao Hospital de Santo António pela rua do Carmo**

**11 - Rua do Carmo**

Observar a fachada da Igreja do Carmo

De estilo barroco/rococó, foi construída na segunda metade do século XVIII, entre 1756 e 1768, pela Ordem Terceira do Carmo, sendo o projeto do arquiteto José Figueiredo Seixas. O hospital começou mais tarde, ficando concluído em 1801. A fachada lateral da Igreja do Carmo está revestida por um grandioso painel de azulejos, representando cenas alusivas à fundação da Ordem Carmelita e ao Monte Carmelo, datados de 1912.

Observar a fachada da Igreja dos Carmelitas

Começou a ser construída em 1616 e ficou concluída em 1628. A decoração do interior só viria a ficar pronta em 1650. A igreja pertencia ao extinto convento, hoje ocupado pela Guarda Nacional Republicana.

**Continuar até ao largo da entrada principal do hospital**

Observar a Estátua a Júlio Dinis

Trata-se de um conjunto escultórico, constituído por uma figura feminina que coloca uma coroa de flores junto do busto do escritor, representante do romantismo português do século XIX, com um baixo-relevo, "A Leitura em Família", a adorná-lo.

Observar a fachada do Hospital de Santo António

Começado a construir em 1770 em terrenos vagos, que, na época, ficavam nos arrabaldes da cidade, o Hospital de Santo António é o mais neoclássico dos edifícios portugueses, projeto do arquiteto inglês John Carr. Desenvolve-se em vários andares, de modo sóbrio, simples e simétrico, mas com volumes bem definidos animando a superfície. Tem um corpo central com colunas, simulando um templo clássico, ladeado por vários corpos que avançam e recuam até aos torreões nas esquinas. A decoração é muito resumida, limitando-se a algumas (poucas) esculturas, urnas e elementos arquitetónicos clássicos.

Aqui funcionou a Escola Médico Cirúrgica frequentada durante uns tempos por Camilo Castelo Branco e onde Júlio Dinis se tornou médico. Em 1799 vieram as primeiras 150 doentes (todas mulheres) a serem internadas no Hospital de Santo António.

**Contornar o hospital pela direita, até ao Jardim do Carregal**

**12 - Largo Professor Abel Salazar e Jardim do Carregal**

**Observar estátua do Professor Abel Salazar**

O Jardim do Carregal, cujo nome oficial é Jardim de Carrilho Videira, foi construído em 1897 pelo jardineiro paisagista Jerónimo Monteiro da Costa. É um jardim romântico, onde se encontra a estátua de Abel Salazar, inaugurada em 2009. Abel Salazar foi um homem ilustre do Porto: médico, professor, investigador, pintor, destacou-se também como resistente à ditadura, antes do 25 de abril.

**Virar na rua D. Manuel II, em direção ao Palácio de Cristal**

**13 - Rua D. Manuel II**

Observar a fachada do Palácio dos Carrancas (Museu Nacional de Soares dos Reis)

De estilo neoclássico, o palácio foi construído a partir de 1795, para habitação e fábrica dos Morais e Castro - família de prósperos negociantes, de alcunha Carrancas. O seu risco é, tradicionalmente, atribuído a Joaquim da Costa Lima Sampaio, que participou em obras como a Feitoria Inglesa e o Hospital de Santo António, da autoria de John Carr.

Atualmente é a sede do Museu Nacional de Soares dos Reis.

**Chegada ao Palácio (cerca das 12:00)**

**14 - Palácio de Cristal – Almoço nos jardins do Palácio**

**15 - Rua de Entre-Quintas**

**-** Museu Romântico da Quinta da Macieirinha (está sinalizado) (sem visita ao interior)

– Informação apenas para o professor, uma vez que na visita guiada terão acesso a estes dados.

Também designada por Quinta do Sacramento, esta casa de campo de finais do século XVIII pertenceu à família burguesa Pinto Basto, e era considerada uma casa de recreio.

Foi nesta casa que se instalou o exilado Rei da Sardenha e Príncipe do Piemonte, Carlos Alberto de Sabóia-Carignano, aqui passando os seus últimos dias, vindo a morrer a 28 de julho de 1849. Deste monarca foi neta Dona Maria Pia, uma das últimas Rainhas de Portugal.

Foi adquirida pela Câmara Municipal do Porto, em 1972, para aí ser criado o museu. O espaço museológico pretende recriar ambientes interiores de uma casa abastada do século XIX, abordando as estéticas, os modos e os costumes relacionados com o Romantismo.

- Casa Tait (nas traseiras do museu)

A Casa Tait, ou Quinta do Meio, foi a residência de várias famílias inglesas, ficando na posse de William Tait a partir de 22 de abril de 1900.

A propriedade foi vendida ao município portuense com a condição de se tornar um “espaço verde público”, constituído por jardins e uma pequena mata, a que o público tem acesso livre e onde se podem admirar as coleções de rosas, camélias ou o majestoso “liriodendrum tulipifera”, bem como a vasta panorâmica no sentido da barra do rio Douro. Dentro de muros altos, a Casa Tait mantém ainda uma profunda marca caraterística das quintas pertencentes a ingleses, configurada no belo arranjo e intimidade dos espaços e nas espécies vegetais neles conservadas.

Na Casa Tait funciona a Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto.

Antes ou depois da visita poderão passear nos jardins e ver:

- Pavilhão Rosa Mota

O edifício original, inaugurado em 1865, foi construído tendo o Crystal Palace londrino por inspiração e, por isso, denominava-se Palácio de Cristal. Foi demolido em 1951 para nele se construir o novo recinto projetado pelo arquiteto José Carlos Loureiro. Em 1952, ainda com a abóbada incompleta, realizou-se no então denominado Pavilhão dos Desportos, o Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins, em que Portugal sairia vencedor.

Ao longo dos anos, o Pavilhão dos Desportos foi acolhendo jogos de praticamente todas as modalidades desportivas, assim como exposições, concertos e outros eventos culturais e artísticos

Em 1991 passou a chamar-se o Pavilhão Rosa Mota, em homenagem a uma das mais ilustres atletas portuenses.

- Biblioteca Almeida Garrett

Construída no âmbito do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura, é uma biblioteca pública situada nos Jardins do Palácio de Cristal, da autoria do arquiteto José Manuel Soares. Aloja, para além da biblioteca, uma galeria, uma cafetaria com esplanada e um pequeno auditório.

- Jardins (a informação que se segue é demasiado exaustiva para ser lida, mas pode ser útil ao professor)

Os Jardins Românticos do Palácio de Cristal, situados numa pequena falésia sobranceira ao Rio Douro, ocupam uma área de 8 hectares e foram projetados no século XIX, pelo arquiteto paisagista alemão Émille David, no contexto da construção do próprio edifício do Palácio de Cristal.

Atualmente, conservam-se ainda do projeto original, o Jardim Émille David, na entrada principal, a Avenida das Tílias, o bosque e a conceção das varandas sobre o Douro.

**Jardim Emílio David**

Possui belos exemplares de rododendros, camélias, araucárias, ginkgos e faias, para além de fontes e estátuas alegóricas às estações do ano.

**Avenida das Tílias**

Constitui o eixo mais marcante deste parque e está ladeada pela Biblioteca Municipal Almeida Garrett, pela Concha Acústica (um palco em forma de concha) e pela Capela de Carlos Alberto da Sardenha (edificada em 1849 pela princesa de Montléart, em homenagem ao seu irmão, o Rei Carlos Alberto).

Perto, situam-se um restaurante e uma esplanada com vista para o **lago,** que contém uma pequena ilha com uma cascata. Nesta avenida e noutros locais encontram-se estratégicos **miradouros** que proporcionam vistas panorâmicas do rio Douro e da cidade.

J**ardins temáticos**

Jardim das Plantas Aromáticas,

Jardim das Medicinais,

Jardim das Cidades Geminadas (inaugurado em 2009)

Jardim dos Sentimentos (inaugurado em 2007), onde se encontra a estátua *Dor* de Teixeira Lopes.

Outros espaços aprazíveis são o **Bosque**, a **Avenida dos Castanheiros-da-Índia** e o **Jardim do Roseiral** que está enriquecido com significativos elementos do património artístico da cidade. Nas proximidades surgem sete magníficos exemplares de palmeiras da Califórnia.

**Tomar a direção da Rotunda da Boavista, descendo a rua D. Manuel II e subindo a rua de Júlio Dinis até à Rotunda da Boavista. (1km, 20 a 30 minutos).**

**16 - Rotunda da Boavista/ Praça Mouzinho de Albuquerque/Monumento aos heróis da guerra peninsular**

**Dirigir-se para o Centro da Rotunda da Boavista.**

Monumento aos heróis da guerra peninsular (que uniu os portugueses e ingleses contra os exércitos de França, de Napoleão), da autoria do escultor Alves de Sousa e do arquiteto Marques da Silva. Obra encomendada aquando da comemoração dos 100 anos da 2.ª invasão (1808) e foi inaugurada em 1951. Com 45 metros de altura, este monumento é caracterizado por um leão símbolo da bandeira inglês, que está a pisar uma águia, símbolo do império napoleónico; a base é rodeada por soldados esculpidos em granito. O jardim envolvente é oitocentista, com grande variedade de espécies arbóreas.

**17 – Casa da Música (ler se houver tempo)**

Edifício projetado pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas, a Casa da Música foi inaugurada em 2005 e desde então tornou-se um ícone da arquitetura contemporânea. Tem uma programação dinâmica e inovadora, que vai da música clássica às tendências urbanas de vanguarda, e um papel importante na vertente educativa, promovendo concertos, workshops e atividades diversas para famílias com crianças e público escolar. A sua construção esteve envolta em polémica: f**oi preciso assinar 127 contratos para a sua construção, devido a falhas no projeto, e** houve um atraso de quatro anos e meio na execução da obra (devia ter sido feita em dois anos e quatro meses, mas demorou seis anos e dez meses). O custo previsto, inicialmente 33,9 milhões, disparou para os 111,1 milhões. Na época da sua construção houve muitas críticas ao seu formato, que apelidavam de “caixa”, mas hoje é considerada uma das obras mais arrojadas da arquitetura mundial contemporânea, atraindo anualmente milhares de visitantes dos mais variados pontos do mundo.

**Dirigir-se para a estação da Casa da Música.**

**Regresso: apanhar o metro na estação “Casa da Música”**

Horários: 16:26

Chegada ao Castêlo da Maia pelas

Notas

1. As informações constantes neste roteiro deverão ser lidas aos alunos nos pontos de interesse assinalados.
2. Os alunos devem repartir-se em grupos de 4 ou 5 elementos para preencherem o seu roteiro.
3. No jardim da Cordoaria, em cujas imediações existem vários pontos de interesse, é possível, se os professores assim o entenderem, permitir que os grupos deambulem livremente, marcando-se uma hora e um ponto de encontro para o momento em que se abandone o local.
4. O mesmo poderá ser feito nos jardins do Palácio.